

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS RURAIS  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

**Maiara Dall Aqua**

**A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO COTIDIANO DAS ESCOLAS: Escola Estadual de Ensino Fundamental Andrea Parise e Escola Estadual de Educação Básica Yeté no Município de Tuparendi-RS.**

Santa Maria, RS.  
2018

**Maiara Dall Aqua**

**A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO COTIDIANO DAS ESCOLAS: Escola Estadual de Ensino Fundamental Andrea Parise e Escola Estadual de Educação Básica Yeté no Município de Tuparendi-RS.**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação Ambiental, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Especialista em Educação Ambiental.**

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Ana Maria Thielen Merck

Santa Maria, RS  
2018

**Maiara Dall Aqua**

**A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO COTIDIANO DAS ESCOLAS: Escola Estadual de Ensino Fundamental Andrea Parise e Escola Estadual de Educação Básica Yeté no Município de Tuparendi-RS**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação Ambiental, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Especialista em Educação Ambiental**.

**Aprovado em 26 de janeiro de 2018.**

**Banca examinadora:**

---

Prof. Dr<sup>a</sup>. Ana Maria Thielen Merck  
(Presidente Orientador)

---

Prof. Dr. Adriano Cancelier

---

Prof. Dr<sup>a</sup>. Maristela Lovato

Santa Maria, RS  
2018

## RESUMO

### **A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO COTIDIANO DAS ESCOLAS: Escola Estadual de Ensino Fundamental Andrea Parise e Escola Estadual de Educação Básica Yeté no Município de Tuparendi-RS.**

AUTORA: Maiara Dall Aqua  
ORIENTADORA: Ana Maria Thielen Merck

O papel principal da Educação Ambiental é contribuir para que as pessoas adotem uma nova postura em relação ao seu próprio lugar. A expectativa é que a Educação Ambiental venha a ser a única estratégia para uma mudança efetiva. O objetivo deste trabalho foi investigar de que forma a Educação Ambiental vem sendo trabalhada em duas escolas estaduais no município de Tuparendi- RS, além de verificar as concepções que os professores têm sobre a educação ambiental e analisar quais são as estratégias pedagógicas usadas por eles no desenvolvimento do trabalho com a Educação Ambiental na sua escola. Foi aplicado um questionário com questões abertas e fechadas, somando onze perguntas avaliadas. Com a participação de 20 professores no total, constatou-se diferentes pontos de vista a respeito da concepção da Educação Ambiental. A maioria dos professores afirmaram que já ouviram falar sobre a EA. Onde 86% dos docentes da escola Andrea Parise e 92% da escola Yeté dizem trabalhar com EA. A predominância de práticas ou estratégias pedagógicas usadas pelos docentes ainda se baseia em textos de orientação e passagem de conteúdo e projetos (21% na escola Andrea Parise). Evidencia-se a necessidade que, desde a formação inicial dos professores, bem como na formação continuada destes a Educação Ambiental seja algo mais concreto e permanente, capaz de influenciar decididamente a atuação dos mesmos no ambiente escolar.

**Palavras-chave:** Educação Ambiental. Ensino Formal. Professores.

## **ABSTRACT**

### **ENVIRONMENTAL EDUCATION IN THE DAILY SCHOOLS: State School of Andrea Parise Elementary School and State School of Basic Education Yeté in the Municipality of Tuparendi-RS.**

**AUTHORA:** Maiara Dall Aqua  
**ADVISOR:** Ana Maria Thielen Merck

The main role of Environmental Education is to help people adopt a new attitude towards their own place. The expectation is that Environmental Education is the only strategy for effective change. The objective of this work was to investigate how Environmental Education has been worked in two state schools in the city of Tuparendi RS, as well as to verify the teachers' conceptions about environmental education and to analyze the pedagogical strategies used by them in the development of work with Environmental Education in your school. A questionnaire was applied with open and closed questions, adding eleven questions evaluated. With the participation of 20 teachers in total, different points of view regarding the conception of Environmental Education were observed. Most teachers said they have heard of EA. Where 86% of Andrea Parise school teachers and 92% of Yeté school say they work with EA. The predominance of pedagogical practices or strategies used by teachers is still based on orientation texts and the passage of content and projects (21% in the Andrea Parise school). It is evident that, since the initial formation of teachers, as well as in the continued formation of these Environmental Education, it is something more concrete and permanent, capable of strongly influencing their performance in the school environment.

**Keywords:** Environmental Education. Formal Teaching. Teachers

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>06</b>
<b>2 OBJETIVOS</b> .....	<b>08</b>
2.1 OBJETIVO GERAL .....	08
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	08
3.JUSTIFICATIVA. ....	08
<b>4 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	<b>09</b>
4.1 A BASE CONCEITUAL DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....	09
4.2 EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O ENSINO FORMAL .....	12
4.3 O PAPEL DO PROFESSOR ENQUANTO AGENTE DE MUDANÇA .....	16
<b>5 METODOLOGIA</b> .....	<b>19</b>
<b>7 RESULTADOS E DISCUSSÕES</b> .....	<b>20</b>
<b>8 CONCLUSÃO</b> .....	<b>31</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>34</b>
<b>APÊNDICE</b> .....	<b>39</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>42</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas a sustentabilidade ambiental tem sido um tema de grande repercussão e preocupação para a sociedade. Mais precisamente a partir da década de 70, com a Conferência de Estocolmo (1972), é que surgem os estudos, iniciados com economistas/empresários com essa preocupação de atender as demandas da população crescente e a disponibilidade/esgotamento dos recursos naturais. Contudo, as discussões a respeito da questão ambiental se tornaram mais frequentes, (mas não de maneira homogênea em todos os lugares), no momento em que se constata a interferência, prejudicial, do ser humano sobre os sistemas naturais, comprometendo a qualidade de vida da atual e das futuras gerações.

O nível de preocupação com a questão ambiental, tal como se apresenta hoje, é um fato recente da humanidade. Foi somente a partir da Conferência de Estocolmo (Primeira Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento), que se despertou para a consciência e percepção global das reais consequências da má utilização dos recursos naturais (VIEGAS, 2010).

A ideia que os recursos naturais eram inesgotáveis foi definindo. E com o surgimento de informações sobre o esgotamento destes, o progresso dos países industrializados se viu ameaçado. É nesse cenário que o desenvolvimento sustentável começa a surgir como uma tentativa de refrear os impactos causados pela ação do ser humano sobre o planeta. E, dessa forma, a temática Ambiental foi sendo considerada como cada vez mais urgente e importante para a sociedade.

A Educação Ambiental surge como um conjunto de técnicas para resolver os problemas ambientais, (FERNANDES; COSTA, 2011) objetivando a busca por uma melhor qualidade de vida e do meio ambiente na coletividade, visando a sustentabilidade (KIEFER, 2013), juntamente com a educação, tanto formal, que se dá na escola e a informal, no dia-a-dia, na convivência, na vida familiar, entre outros. A questão ambiental é incrementada no âmbito escolar, pois o futuro da humanidade depende da relação determinada entre homem e o uso que faz dos recursos naturais disponíveis (BRASIL, 1997).

“Educar ambientalmente significa, além da apropriação de conceitos e processos que digam respeito ao ambiente, a aquisição de visões de mundo que possibilitem o respeito a todas as formas de vida e o entendimento que a vida só se dá pelas complexas teias tecidas pelos elementos naturais e socioculturais que se entrelaçam.” (LISBOA, KINDEL, 2012. p. 25)

A escola, sendo como um ambiente privilegiado à formação de cidadãos exerce o papel de levar ao educando o conhecimento e a compreensão dos problemas ao seu redor. Assim, por meio da Educação Ambiental, instiga-se a discussão e realização de mudanças no pensamento e nas atitudes do ser humano, tornando-se a única estratégia para uma mudança efetiva (CUBA, 2010).

Penteado (2010) discorre que a formação de uma consciência ambiental (conhecimentos adquiridos sobre a temática) depende do trabalho da educação, pois é através dos professores, que são portadores dessa consciência, em alguma medida dos conhecimentos resultantes de uma abordagem sociopolítica da questão. A autora ainda cita que a escola é o local ideal para se promover este processo de compreensão das questões ambientais enquanto questões sociopolíticas, pois é através das disciplinas escolares que os conhecimentos científicos são colocados ao alcance dos alunos.

Sauvé (2005), porém, realça que os educadores ainda não conseguem intervir de modo conveniente na Educação ambiental, uma vez que não levam em conta as múltiplas facetas da relação humana com o meio ambiente. Essas múltiplas facetas correspondem a modos diversos e complementares de aprender sobre o ambiente.

Para auxiliar os professores nessa proposta, o Ministério da Educação e Cultura (MEC) apresentou, nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), dentre outros temas, o meio ambiente, como tema transversal, no currículo escolar (BRASIL, 1996). Os PCN's servem como referencial no desenvolvimento das atividades, em que é proposta uma educação direcionada especialmente para a cidadania.

A questão ambiental tornou-se cada vez mais urgente para a sociedade, uma vez que o futuro da humanidade depende da relação estabelecida entre a



natureza e o uso pelo homem dos seus recursos. Coube à escola o papel de difundir atitudes e valores para uma conscientização ambiental (BRASIL, 1997).

A Educação Ambiental engloba um conjunto de relações sociais, políticas, históricas e econômicas, aonde o homem vem a ser o sujeito participante, transformador. Para moldar esse sujeito transformador, com senso crítico, capaz de coexistir em equilíbrio com o meio, é de fundamental importância que a escola propicie não só a discussão, mas a prática efetiva de atitudes no âmbito escolar e social entre seus alunos, professores e funcionários, direção e comunidade escolar (OLIVEIRA; MEDEIROS, 2010).

Entende-se que o papel principal da Educação Ambiental é contribuir para que as pessoas adotem uma nova postura em relação ao seu próprio lugar. Uma única pessoa não é suficiente para resolver os problemas ambientais, mas é condição indispensável para tanto (CUBA, 2010).

No ensino formal, muitos professores enfrentam dificuldades na implantação da Educação Ambiental na grade curricular ou desconhecem ainda a importância de trabalhá-la. A escolha do tema trabalhado surgiu devido à necessidade de se conhecer a realidade da escola quando a temática Educação Ambiental foi inserida, como referência nos Parâmetros Curriculares Nacionais e tornou-se uma necessidade de ser trabalhada, tanto no contexto formal quanto não formal. O que se ouve é que muitas dificuldades e desafios podem ser encontrados na inserção da Educação Ambiental nas escolas públicas.

Justificou-se a realização da pesquisa pela relevância que a incorporação da questão ambiental tem no campo da educação para formação de uma nova consciência ambiental, averiguando como está sendo implementada, assim como, se há apoio pedagógico e metodológico para suprir essa demanda.

## **2 OBJETIVOS GERAL E ESPECÍFICO**

### **2.1 OBJETIVO GERAL**

Investigar como a Educação Ambiental é trabalhada nas escolas estaduais: Escola Estadual de Ensino Fundamental Andrea Parise e Escola Estadual de Educação Básica Yeté, no município de Tuparendi/RS.

### **2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- verificar as concepções que os professores têm sobre a educação ambiental, através de questionário misto e avaliação das respostas;
- analisar quais são as estratégias pedagógicas usadas pelos professores no desenvolvimento do trabalho com a Educação Ambiental nas escolas.

## **3 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **3.1 A base conceitual da educação ambiental**

Historicamente, a nível mundial, os primeiros registros do uso do termo “Educação Ambiental” datam de 1948, em um encontro da União Internacional para a Conservação da Natureza (UICN), em Paris, (BRASIL, 2007). Contudo, o rumo da Educação Ambiental se dá com sua inserção na agenda internacional, no início da década de 70 com a Conferência de Estocolmo, como uma preocupação com o meio ambiente, devido aos altos índices de poluição e degradação ambiental, assentados ainda nos eventos que impulsionaram a discussão do assunto, como a inversão térmica de Londres (década de 50) e a contaminação da Bacia de Minamata, no Japão (década de 60).

No Brasil, foi a partir da década de 80, que a Educação Ambiental tornou-se objeto de estudo, discussão e crítica por parte de educadores e ambientalistas, resultando, no âmbito da educação, em significativas e

dinamizantes alterações, como a inclusão da mesma na legislação brasileira. Como podemos ver na Constituição Federal, no seu art. 225º, parágrafo 1º, inciso VI, sobre Meio Ambiente, instituindo como competência do Poder Público, a necessidade de “promover Educação Ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para preservação do Meio Ambiente”.

A Política Nacional de Educação Ambiental instituída pela Lei nº 9.795 de 1999, que dispõe sobre a Educação Ambiental, surge pela necessidade de universalização dessa prática educativa para toda a sociedade. A educação ambiental era realizada há muitos anos, independente de ser instituída, considerada um componente urgente, essencial e permanente em todo processo educativo.

Sendo uma das leis de grande relevância, a PNEA (Política Nacional de Educação Ambiental) entende que a Educação Ambiental é um processo que estabelece valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas à preservação e conservação do meio ambiente, com um caráter interdisciplinar, sistêmico e integrador (BRASIL, 1999).

No entanto, de fato, a Educação Ambiental (EA) começou em um contexto mundial ante a preocupação com os problemas ambientais. Catástrofes, poluições, contaminações, degradação, que despontaram e aconteceram ao longo dos anos, motivaram a discussão sobre o tema. Mudanças de comportamento da sociedade e elaboração de legislações específicas, relacionadas às questões ambientais e sociais, vieram a contribuir em prol de uma melhor qualidade de vida. Conforme discorre Pádua e Tabanez (1997):

As questões ambientais começaram a se apresentar pelos idos dos anos 1970, quando eclode no mundo um conjunto de manifestações, incluindo a liberação feminina, a revolução estudantil de maio de 1968 na França e o endurecimento das condições políticas na América Latina, com a instituição de governos autoritários, em resposta às exigências de organização democrática dos povos em busca de seus direitos à liberdade, ao trabalho, à educação, à saúde, ao lazer e à definição participativa de seus destinos (PÁDUA; TABANEZ, 1997, p. 225- 263).

A temática de Educação Ambiental se difundiu amplamente após a Carta de Belgrado, que é uma estrutura global para a EA. Elaborada em 1975 por especialistas de todo o mundo, sua meta é: “*Formar uma população mundial consciente e preocupada com o meio ambiente e com os problemas associados*”. Com a Conferência de Tbilisi reforçou-se a necessidade de uma nova ética global e ecológica vinculada à erradicação de problemas, como a fome, a miséria, o analfabetismo, a poluição, a degradação dos bens naturais e exploração humana (FERREIRA, 2010). Através da EA podemos trabalhar informações e conhecimentos que possam construir uma nova visão de mundo, capaz de orientar ações condizentes com os princípios da sustentabilidade.

Convém assertar que o conceito de sustentabilidade é complexo, pois envolve questões sociais, energéticas, econômicas e ambientais. Designa as atividades e ações humanas que visam suprir as necessidades atuais dos seres humanos, sem comprometer o futuro das próximas gerações. Assim, está diretamente relacionada ao desenvolvimento econômico e material sem agredir o meio ambiente, usando os recursos naturais de forma inteligente para que eles se mantenham no futuro (FONSECA, 2013).

Para Dias (2003), a EA sofreu uma longa evolução conceitual, e que a mesma sempre esteve vinculada ao conceito de meio ambiente, da forma como este era percebido, só que esse também vem evoluindo com os anos. Para o autor, quando o conceito de EA fica reduzido somente aos aspectos naturais, as interdependências não são evidenciadas e nem se considera os aspectos das ciências sociais na compreensão e melhoria do meio ambiente humano.

Loureiro (2002) define a EA como “uma práxis educativa e social que tem por finalidade a construção de valores, conceitos, habilidades e atitudes que possibilitem o entendimento da realidade da vida e a atuação lúcida e responsável de atores sociais individuais e coletivos no ambiente”. Para a autora Sauvé (2005) a EA é “mais do que uma educação a respeito do, para o, no, pelo ou em prol do meio ambiente, o objeto de educação ambiental é de fato, fundamentalmente, nossa relação com o meio ambiente”.

Quando se disserta sobre EA e seus principais objetivos, ressalta-se a necessidade de desenvolver a percepção integrada do meio ambiente. Em uma concepção socioambiental, o meio ambiente é concebido pelas relações

homem-natureza, onde o homem é integrante e transformador desse meio. Contudo, para a maioria das pessoas, como afirmam Alves e Peralva (2010) a sociedade e natureza ainda são tratadas como duas dimensões distintas e separadas. A percepção do meio ambiente, por cada indivíduo, sofre influências ideológicas. Formam-se filtros conceituais que interferem no olhar, na reflexão e na ação. Isso acaba dificultando uma visão mais ampla de contexto meio ambiente, fato que pode limitar a preocupação e cuidados com o mesmo.

Almejando valores que conduzam a uma convivência equilibrada com o ambiente e as demais espécies que habitam o planeta, a EA auxilia as pessoas a analisar, de modo crítico, o princípio antropocêntrico, o qual tem levado à destruição inconsequente dos recursos naturais e de várias espécies. É preciso considerar importante, segundo a UNESCO (1977):

A Educação Ambiental, bem compreendida, deverá constituir uma educação geral permanente que reaja às mudanças produzidas num mundo em rápida evolução. Essa educação deverá preparar o indivíduo através da compreensão dos principais problemas do mundo contemporâneo, proporcionando-lhe os conhecimentos técnicos e as qualidades necessárias para desempenhar uma função produtiva que vise melhorar a vida e proteger o ambiente, valorizando os aspectos éticos (Conferência de Tbilisi, 1977).

### **3.2 Educação ambiental e o ensino formal**

Com um grande desafio, nos últimos anos, a EA tem assumido a garantia da construção de uma sociedade sustentável, na promoção da relação com o planeta e seus recursos, valores éticos como cooperação, solidariedade, generosidade, tolerância, dignidade e respeito à diversidade (CARVALHO, 2006). Caracterizada por adotar a gestão ambiental como princípio educativo do currículo e por centrar-se na ideia da participação dos indivíduos na gestão dos seus respectivos lugares: seja a escola, a rua, o bairro, a cidade, enfim, o lugar das relações que mantém no seu cotidiano (CUBA, 2010).

Envolvendo diferentes instâncias da sociedade tanto de nível político, quanto econômico, social e ambiental, a EA se torna uma proposta complexa de mudança social (FERREIRA, 2010). Seu processo educacional é o principal

protagonista, portanto, deve ser visto como um processo permanente de aprendizagem que valoriza as diversas formas de conhecimentos, e forma cidadãos com consciência local e planetária (JACOBI, 2003).

A Lei nº 9.795/99 em seu artigo 2º, afirma que “a educação ambiental é um componente essencial e permanente na educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal”. O artigo 3º, inciso II, complementa a ideia ao prescrever que cabe às “instituições educativas promover a educação ambiental de maneira integrada aos programas educacionais que desenvolvem”.

Posicionamos a escola como o lugar onde o aluno irá dar sequência ao seu processo de socialização. No entanto, os comportamentos que possam ser caracterizados como “ambientalmente corretos” devem ser aprendidos na prática, como no transcorrer da vida escolar, com o desígnio de contribuir para a formação de cidadãos responsáveis. Consequentemente, a escola deve oferecer a seus alunos os conteúdos ambientais de forma contextualizada com sua realidade (MEDEIROS et al., 2011).

Devendo estar presente tanto na educação formal e não formal, a EA pode ser considerada como a única estratégia para uma mudança efetiva. É por meio dela que podemos ter uma percepção compreensível do que se passa no nosso planeta. Para garantir que todas as crianças e jovens brasileiros possam usufruir dos conhecimentos básicos necessários para o exercício da cidadania, buscando não fragmentar em blocos rígidos os conhecimentos, onde a educação realmente constitua o meio de transformação social (SILVA; MARTINS; BARBOSA, 2015), a EA deve servir como ferramenta sobre os caminhos para se atingir o desenvolvimento sustentável (BRASIL, 1997).

Nos estudos de Jacobi e Luzzi (2004), a EA passou a assumir cada vez mais uma função transformadora, onde uma responsabilidade compartilhada dos indivíduos tornou-se um objetivo essencial para proporcionar a busca pelo desenvolvimento sustentável. Para os autores, o educador tem a função de mediador na construção de referências ambientais e deve saber usá-las como instrumentos para o desenvolvimento de uma prática social centrada no conceito de meio ambiente. Nas palavras dos autores:

A educação ambiental compreende a complexidade como uma característica inerente aos processos educativos; este campo é propício para aprender a aprender a complexidade, já que as ciências da educação, por definição, como objeto de conhecimento, são tributárias de diversas disciplinas que conformam um campo complexo onde interatuam os emergentes sociais, as demandas comunitárias, as demandas políticas, os avanços na epistemologia, a didática, a psicologia da aprendizagem, a sociologia, as ciências naturais, etc. (JACOBI; LUZZI, 2004).

As instituições de ensino devem estar conscientes que precisam trabalhar a problemática ambiental, e muitas iniciativas têm sido desenvolvidas a cerca desta questão para ajudar as escolas nesse sentido. Incorporou-se a temática do meio ambiente nos sistemas de ensino, já como tema transversal dos currículos escolares, transpassando toda prática educacional (MEDEIROS et al. 2011).

Para formar as gerações atuais, a educação deve se orientar de forma resoluto, não somente para aceitar as incertezas e o futuro, como afirmam Jacobi e Luzzi (2004). Deve, ainda, gerar um pensamento complexo, crítico e aberto às indeterminações, às mudanças, à diversidade, à possibilidade de construir e reconstruir em um processo constante de novas leituras e interpretações do já estudado, esculpindo as possibilidades de práticas naquilo que ainda há por se pensar.

A finalidade de se trabalhar com o tema meio ambiente, é de conscientizar cidadãos atuando na realidade socioambiental com total comprometimento à vida e o bem estar. Porém, é necessário que a escola trabalhe não só com informações e conceitos, mas também com atitudes (MACHADO et al. 2011).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) são referências para o trabalho dos professores das diversas disciplinas e áreas do Ensino Fundamental e Ensino Médio, tendo como objetivo garantir que todas as crianças e jovens brasileiros possam usufruir dos conhecimentos básicos necessários para o exercício da cidadania. Além disso, os PCN's têm como função subsidiar a elaboração ou a revisão curricular dos Estados e municípios, dialogando com as propostas e experiências já existentes, incentivando a discussão pedagógica interna das escolas e a elaboração de projetos educativos, assim como servir de material de reflexão para a prática de professores (BRASIL, 1996).

Os temas transversais, chamados como temas sociais urgentes, não formam novas áreas, e, sim, um conjunto de temas ligados às questões sociais que permeiam todas as áreas durante a escolaridade. Essa abordagem, no universo dos temas transversais e de forma interdisciplinar, significa um avanço qualitativo da formação dos discentes, que passam a compreender melhor o significado do que estudam. Estes temas transversais surgem como alternativas para que, ao serem abordados de diferentes formas pelas diversas disciplinas no âmbito interdisciplinar, o ensino se dê de forma mais globalizado e próximo da realidade do educando (BRASIL, 1996).

O papel da escola ao trabalhar temas transversais é facilitar, fomentar e integrar as ações de modo contextualizado, através da interdisciplinaridade e transversalidade. Busca não fragmentar em blocos rígidos os conhecimentos, para que a educação realmente constitua o meio de transformação social (SILVA; MARTINS; BARBOSA, 2015).

Atuando como eixo unificador, em torno do qual se organizam as disciplinas, os temas transversais devem ser trabalhados de modo coordenado e não como um assunto descontextualizado nas aulas. A relação entre os conteúdos disciplinares é a base para um ensino mais interessante, onde uma matéria auxilia a outra (BRASIL, 1996).

A educação ambiental nas escolas contribui para a formação dos alunos e comunidade escolar em geral, tornando-os cidadãos conscientes, aptos para decidirem e atuarem na realidade socioambiental de um modo comprometido com a vida, com o bem-estar de cada um e da sociedade (MEDEIROS et. al., 2011).

Assim como a educação básica, a Educação Ambiental deve começar em casa e ultrapassar os muros, gerar conhecimento local, na perspectiva de envolver toda a comunidade, tendo um efeito regional. No entanto, apesar das tentativas e esforços de introduzir a Educação Ambiental nos diferentes níveis escolares, essa ideia ainda não tem alcançado o êxito desejável.

A deficiência se apresenta desde as séries iniciais até o nível superior, uma vez que a maioria dos cursos não trabalha a temática, fato que reflete negativamente perante a necessidade de que os futuros profissionais contribuam mais eficazmente para a preservação do meio ambiente (BRANCO, et al 2011).



### 3.3 O papel do professor enquanto agente de mudança

Com a inserção da educação ambiental, seja na escola, seja na sociedade, o trabalho dos professores se apresenta com grande expressão e impacto, uma vez que fornece abertura de caminhos de difusão com os alunos, bem como, propicia reflexões sobre o papel destes como cidadãos em relação ao ambiente.

Segundo Carvalho (2006), o educador ambiental é um profissional que remete a uma prática social, “ultrapassando a fronteira de conversão pessoal e reconversão profissional”. Para a autora, o educador ambiental é um caso particular do sujeito ecológico, o qual pode ser entendido como o conjunto de crenças e valores que serve de modelo para a identificação social e individual dos valores ecológicos, que “configura o horizonte simbólico do profissional ambiental”.

Neste sentido, existe a necessidade do professor assumir uma postura reflexiva para, numa perspectiva crítica, desenvolver práticas que articulem a educação e o meio ambiente. Além disso, é preciso ter uma atuação ecológica sustentada por princípios de criatividade, possibilitando a sensibilização de seus alunos e uma crescente participação (JACOBI, 2005).

Buscando formar um corpo profissional preparado para abordar questões ambientais, a legislação federal, Lei nº 9795/99, em seu Art. 11º, estabeleceu que a “dimensão ambiental deve constar dos currículos de formação de professores, em todos os níveis e em todas as disciplinas” e, sabiamente colocado pelo legislador no parágrafo único do referido artigo, também “os professores em atividade devem receber formação complementar em suas áreas de atuação, com o propósito de atender adequadamente ao cumprimento dos princípios e objetivos da Política Nacional de Educação Ambiental”. A letra da lei não significou, no entanto, que instituições públicas e privadas cumpram e façam cumprir a obrigação legal (AMARAL, 2008).

A reflexão e a prática da educação ambiental não são resultados exclusivos das políticas públicas. Todavia, elas estabelecem as orientações e impulsionam projetos, programas, formação continuada de professores, material didático e outras estratégias, com maior ou menor sistematização e

sucesso, para desenvolver a educação ambiental nas instituições de ensino, inclusive nos cursos de formação de professores nas universidades. Embora a educação ambiental se expanda, ela ainda é pouco abrangente e se caracteriza por ações pontuais e incipientes como prática a ser potencializada (TORALES, 2013).

Para Torales (2013) o professor é o responsável pela execução da educação ambiental e o faz a partir de seus conhecimentos, representações e intencionalidades no que se refere à educação e à problemática ambiental. Diante do avanço da educação ambiental na educação básica, o professor é colocado perante exigências, às quais ele responde com dificuldade e para as quais os cursos de licenciatura pouco contribuem. Certo distanciamento dos professores da educação ambiental tem como justificativa desde condições de trabalho que dificultam inovações e mais esforços, até a constatação de que não estão preparados para trabalhar com a educação ambiental (TEIXEIRA; TORALES, 2014).

De acordo com Delizoicov et al (2007), o professor representa um papel imprescindível e insubstituível no processo de transformação social, logo, é preciso investir em sua formação e em seu desenvolvimento profissional, pois o processo de melhoria do ensino começa com o professor.

Na complexa tarefa de aprimorar a qualidade educacional para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo, os docentes necessitam repensar as suas práticas pedagógicas. Sendo assim, a formação docente precisa se constituir em processo permanente e com valorização profissional dos professores, sendo a formação e a capacitação de docentes para a Educação Ambiental um aspecto fundamental na educação básica brasileira (VALDUGA; DAL-FARRA, 2011).

Na pesquisa realizada por Bonzanini e Bastos (2009) em que citam Menezes (1996), em que reconhece que a formação de um professor é um processo a longo prazo, onde não acaba após o recebimento do seu diploma, mesmo que a formação recebida tenha sido da melhor qualidade. Considerando que a formação docente é um processo complexo para o qual são necessários muitos conhecimentos e habilidades, que não são todos adquiridos no curto espaço de tempo que dura a formação inicial.

Além disso, Menezes (1996, apud BONZANINI; BASTOS, 2009) comenta que durante o trabalho em sala de aula surgem, constantemente, novos problemas que o professor precisa enfrentar. Desta maneira, se faz necessário que os docentes disponham de possibilidades de formação e atualização permanente, diversificada e de qualidade.

É importante que os cursos de formação inicial e continuada de professores sejam espaços que favoreçam a reflexão, o diálogo entre diferentes disciplinas e a construção de práticas de sala de aula embasadas por teorias sólidas de ensino/aprendizagem. Esses cursos devem, também, promover o encontro entre a pesquisa realizada nas universidades e os professores inseridos nas escolas públicas (AUGUSTO et al., 2004)

Schön (2000, apud Bonzanini e Bastos, 2009) reconhece que a formação docente deve capacitar o professor a refletir de forma crítica sobre suas ações. Para o autor a teoria é insuficiente para orientar a prática docente, já que o professor não deve ser o especialista que aplica o conhecimento, mas um prático reflexivo, alguém que age e toma decisões, avaliando os problemas que surgem no decorrer do seu trabalho em sala de aula. Dessa forma, sua prática deve ser reelaborada, em função de uma reflexão sobre a ação, que ocorre antes, durante e depois de sua atuação, com o objetivo de superar as dificuldades vividas no seu dia-a-dia.

Se de um lado são vários os problemas destacados em relação aos processos de formação inicial, por outro lado, não são menos complexos os problemas relacionados com a formação continuada. No caso da EA, tal complexidade é potencializada, pois, segundo Manzochi e Carvalho (2008), nem todos os profissionais da educação tiveram contato com a temática ambiental em sua formação inicial, o que certamente significa reconhecer lacunas em sua formação. Estes autores destacam, também, o fato de ser esse um campo relativamente novo quando comparado com áreas já tradicionalmente presentes no contexto escolar e, sendo assim, em amplo processo de negociação quanto ao seu lugar no currículo.

Nessa direção, a incorporação da questão ambiental de forma contextualizada, no cotidiano dos professores, pode possibilitar uma nova compreensão nas relações entre o ser humano, sociedade e natureza. Incentivando, assim, uma nova avaliação de valores e atitudes na convivência

individual e coletiva, reforçando a necessidade de ser e agir como cidadãos na busca de soluções para problemas ambientais locais e nacionais (DIAS, 2003).

#### **4. METODOLOGIA**

O estudo foi desenvolvido no município de Tuparendi, onde foram selecionadas duas escolas. Ambas são estaduais e possuem ensino fundamental de 6º a 9º ano, critério definido para a seleção das mesmas: que tivessem o mesmo nível de ensino.

A Escola Estadual de Ensino Fundamental Andrea Parise, localizada no interior do município, conta com uma equipe de 14 professores e 8 funcionários, em um total 106 alunos do 1º ao 9º ano. A Escola Estadual de Educação Básica Yeté, localizada no centro da cidade, conta com um total de 400 alunos, sendo que 267 correspondem ao ensino de 6º ao 9º ano e 133 de ensino médio, juntamente com 30 professores e 11 funcionários.

Para obtenção dos dados pretendidos, possibilitando a avaliação do conhecimento, percepção e uso da temática ambiental nas distintas disciplinas, foi distribuído a todo corpo docente, de ambas as escolas, um questionário. A adesão/resposta foi espontânea, não sendo exigido o retorno obrigatório com as respostas. Tratando-se de uma pesquisa qualitativa e quantitativa, o questionário foi misto, com questões abertas e fechadas.

As equipes diretivas e de coordenação foram consultadas previamente sobre a possibilidade de realização do projeto. Contando com o aval das mesmas para a efetiva implementação, as equipes de professores dos educandários participantes foram informadas, de forma oral e também por escrito, de que se tratava de uma pesquisa de pós-graduação. Foram avisados, ainda, da não obrigatoriedade de participação, mas que os que aderissem teriam sigilo quanto à identificação.

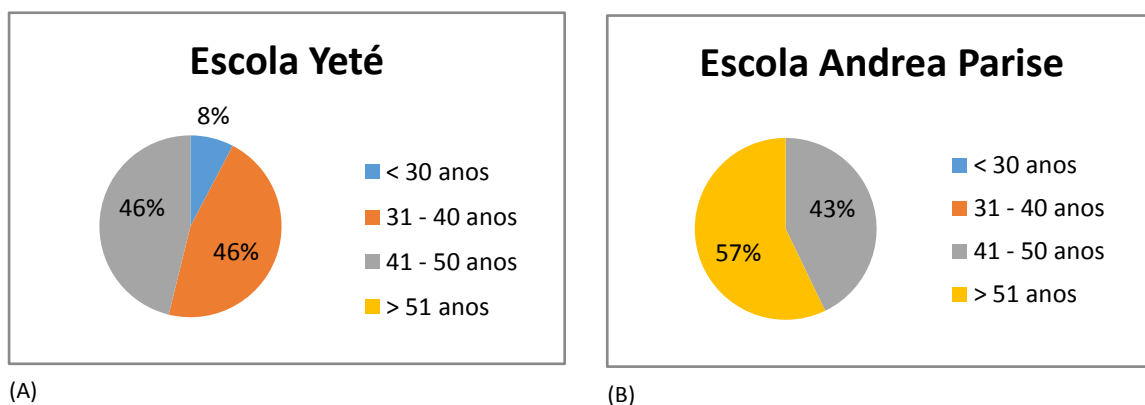
Mediante o retorno do questionário, o qual se encontra no 'Apêndice 1', foi possível avaliar a percepção dos profissionais quanto às formas de execução da Educação Ambiental nas escolas atualmente. Permitiu, ainda, a obtenção de dados relacionados à sua capacitação, além de identificar as práticas pedagógicas utilizadas no desenvolvimento da EA.

## 5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

De um total de 30 professores na escola Yeté, 13 aderiram voluntariamente à pesquisa, correspondendo a 43% do quadro total de professores na instituição. Já na escola Andrea Parise, a participação foi de 50%, correspondendo a 7 professores, de um total de 14.

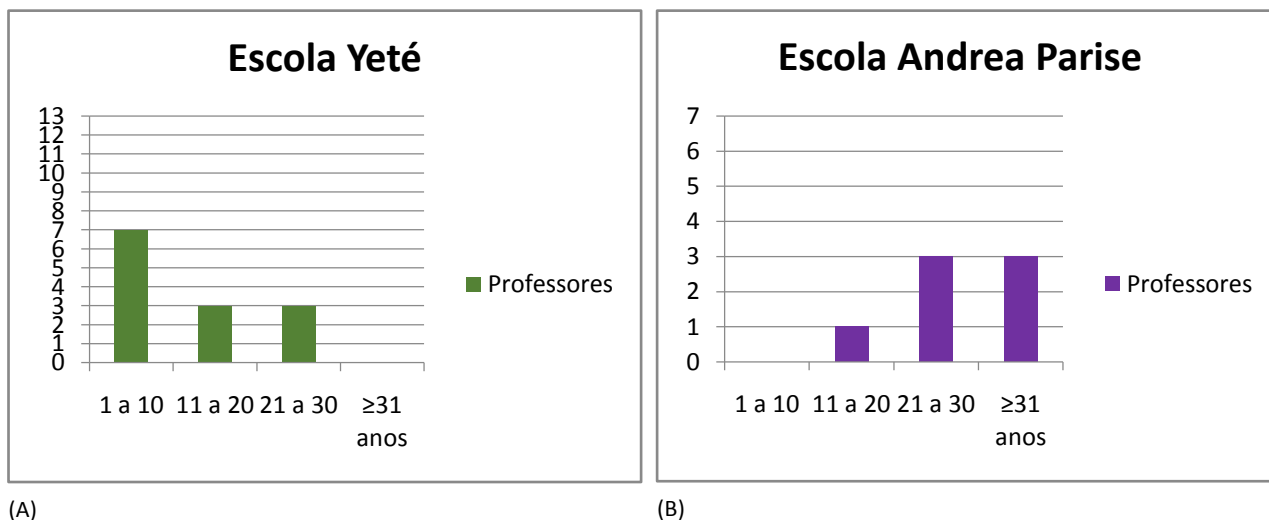
O primeiro parâmetro analisado e que se discorre a seguir, corresponde à faixa etária dos participantes. Como se observa nos Gráficos 1 (A e B), na escola Andrea Parise a faixa etária predominante é dos 47 aos 55 anos, e na escola Yeté tem-se uma variação de idade entre 28 e 50 anos.

Gráficos 1 :Faixa etária dos professores entrevistados nas escolas.



Os gráficos 2 (A e B) apresentam a quantidade de professores em cada escola e seu respectivo tempo de docência, distribuídos em classes de atuação temporal com intervalo de 10 anos.

Gráficos 2- Tempo de atuação no magistério:



No que tange ao período de docência, na escola Andrea Parise varia dos 20 a 34 anos de atuação, e na escola Yeté temos um intervalo entre 3 e 30 anos de magistério. Esse último dado demonstra a existência de professores que recentemente iniciaram suas atividades no magistério. No entanto, em ambas as escolas há professores com longo período de atuação nas salas de aula, sugerindo grande experiência nas questões cotidianas escolares e nos assuntos relevantes da sociedade globalizada.

A primeira questão “Você já ouviu falar em Educação Ambiental?” teve resultados bem diferentes nas duas escolas. Enquanto na Escola Andrea Parise a unanimidade dos professores participantes respondeu afirmativamente, que já escutara sobre o tema questionado (educação ambiental). Na escola Yeté 8 professores (62% entre os participantes na escola) confirmaram o conhecimento no assunto, enquanto que 5 (38%) responderam que desconhecem o tema. O meio de conhecimento, ou a forma ou ainda a fonte pela qual tomaram ciência do tema foi apontado como sendo, principalmente, internet, livros e cursos de formação.

O Quadro 1 apresenta as respostas individualizadas obtidas no questionário aplicado na escola Andrea Parise. Já o Quadro 2 apresenta as respostas individualizadas, manifestadas pelos professores da escola Yeté.

Quadro 1: Definição de EA pelos professores da escola Andrea Parise:

Termos utilizados pelos entrevistados
1-Os cuidados que devemos ter com a natureza e meio ambiente.
2-Processo de uso sustentável dos recursos naturais para promoção da qualidade de vida no planeta.
3- Respeito com a natureza
4- Tudo o que se relaciona com meio ambiente
5- EA não é só ler e aprender, precisa atuar, conscientizar dar exemplos. Ser exemplo na atuação e ter respaldo nas atitudes por parte dos municípios.
6- Em todo ambiente escolar trabalha-se ambiente no todo. Essa educação também deve ser trabalhada nas casas e na comunidade ao qual o educando está inserido.
7- Sem opinar.

Quadro 2: Definição de Educação Ambiental pelos professores da escola Yeté.

Termos utilizados pelos entrevistados
1-Consciência e comprometimento com o espaço social, físico, geográfico.....em que vivemos.
2- Conscientizar para cuidar do meio ambiente.
3- É uma forma de conscientizar para cuidar do meio ambiente.
4- Campo do conhecimento que estuda a relação teoria-prática sobre as questões ambientais e ecológicas.
5- É a conscientização da população da necessidade de se cuidar do meio ambiente, de toda a vida presente no planeta, para evitar a extinção da vida.
6- É o estudo do meio aonde vivemos, os cuidados que devemos ter com ele.
7- Um processo de educação pela qual busca-se formar cidadãos preocupados com o meio ambiente no que se refere a preservação, cuidados e sustentabilidade
8- É a educação relacionada ao ambiente, conscientização, preservação, leis, órgãos responsáveis em todas as esferas.
9- Não entendo muito, só o básico, não sei das leis.
10- O cuidado com o meio em que vivemos, na economia de água, luz, diminuição da produção de lixo.
11- Tudo o que se refere ao meio ambiente em que vivemos
12- É o trabalho educativo que visa o uso adequado dos recursos, a preservação, enfim, uma relação consciente do homem com a natureza
13 – EA é um processo onde formamos pessoas responsáveis e preocupadas em conservar e preservar os recursos ambientais. Sensibilizar e motivar os envolvidos para despertar a conscientização de cada um.

Avaliando as respostas, algumas podem ser consideradas como “limitadas”, como afirmam os autores Santos e Oliveira, (2011). Estes sustentam que a EA é algo que pode ser bem complexo para explicar, porém limitá-la a ser somente a natureza é uma concepção muito simplista, voltada mais para o lado conservacionista. Para ilustrar este fato observamos a resposta “nº 3” no “Quadro 1”, em que no seu entendimento sobre a EA é o “respeito com a natureza”. Reis, Souza e Dias (2016), em seu trabalho, dizem perceber a dificuldade dos professores em definir a EA de uma forma que não seja simplista ou reducionista, sendo observado um discurso conservacionista,

em que predomina a fala de “o conservar, preservar os recursos naturais, o meio ambiente”.

Em seus estudos, com questionários aplicados aos professores de duas escolas de ensino fundamental em Goiânia, Moreira, Silva e Luz (2009) afirmam que em uma das escolas 50% dos professores conceituaram Educação Ambiental de forma “menos elaborada” (palavras utilizadas pelos autores), assim como podemos observar em algumas das presentes respostas desse trabalho.

Martins (2009) realizou uma entrevista com professoras da Educação Infantil de uma escola de São Carlos-SP, onde obteve respostas que demonstram que as professoras entendem por Educação Ambiental. Porém, algumas respostas se encaixaram na concepção de o meio ambiente visto como natureza, o que é tido como natural, a fauna e flora, que é pra ser preservado, como se os indivíduos não fizessem parte, o que pode ser notado também nas respostas do questionário atual.

No geral, as respostas dos professores do Quadro 1 e 2 estão dentro do que se refere a Educação Ambiental. Porém, pode-se dizer que se cria um embaraço na hora da transcrição da resposta quando não se está tão familiarizado com o assunto, lembrando que nem todos (38% na escola Yeté) afirmam ter conhecimento do assunto.

Nos estudos realizados por Ferreira (2010), que buscou conhecer as concepções de EA de um grupo de professores no Rio de Janeiro, afirma que por mais que as definições de EA dadas pelos entrevistados se aproximam, existem diferenças conceituais nas diversas concepções apresentadas, isto porque a EA é uma teoria em construção, assim como sua prática.

Podemos observar que nas respostas dos professores da escola Yeté, as palavras mais citadas foram “conscientizar/conscientização” e “cuidar/cuidados com o meio ambiente”, em seguida com “preservar/preservação”.

Termos como “qualidade de vida” e “sustentabilidade”, que são expressões de grande relevância para a EA, tiveram pouca referência.

Na visão de Ferreira (2010) independe a concepção dada pelos professores nas respostas dos questionários, de tendências naturalista, racionais ou históricas, o que vale é *a importância de uma formação voltada*



*para o desenvolvimento de um educador ambiental se torna indispensável para fugir das armadilhas paradigmáticas que corroboram o pensamento dominador de uma elite social.*

Para Medina (2001) é importante e faz a diferença o conhecimento de práticas de educação ambiental e aperfeiçoamento por parte dos professores através de cursos. Para o autor, as características da EA, tanto em nível temático como metodológico, exigem processos de capacitação dos docentes, para uma aplicação de EA na escola.

Na questão “Você tem conhecimento sobre as leis que incluem EA no sistema de ensino?”, para os professores da escola Andrea Parise 43% responderam que “sim, conhecem” e 57% opinaram por “sim, mas não li sobre”. Ainda teve um professor que fez uma anotação no seu questionário dizendo que leu, mas que precisava saber mais. Os entrevistados da escola Yeté responderam com 23% “sim, conheço bem”, 31% responderam que “sim, mas não li sobre” e 46% opinaram com “não, mas já ouvi comentários a respeito”. Teve um professor que anotou na folha do questionário “não conheço muito”.

Considerando que o Brasil é único país da América Latina que tem uma Política Nacional específica para a Educação Ambiental, e que está especificado no Art. 9 desta Lei, que a EA deve ser desenvolvida no âmbito dos currículos das instituições de ensino públicas e privadas, da educação infantil até o ensino médio nas escolas básicas, na educação especial, na educação profissional e na educação superior e EJA, deve ser desenvolvida como uma prática educativa integrada, contínua e permanente em todos os níveis e modalidades do ensino formal (BRASIL, 1999).

No item “Qual a sua motivação para trabalhar com EA na sua escola?”, os docentes da escola Andrea Parise responderam com 57% sendo “alta” e 43% “média motivação” para trabalhar EA. Os entrevistados da escola Yeté responderam com 54% “alta motivação”, 31% “média motivação” e 15% “baixa motivação”. Percebe-se, pela respostas dos professores, que predomina a motivação para se trabalhar com educação ambiental. No entanto, analisando juntamente as outras questões, do presente questionário, falta um preparatório para os professores, de como conduzir o conteúdo programático da sua disciplina integrando EA. Há, ainda, uma falta de conhecimento perante o leque

de conteúdos que estão inseridos nos temas de Educação Ambiental, que muitas vezes até já são trabalhados em outros projetos ou conteúdos.

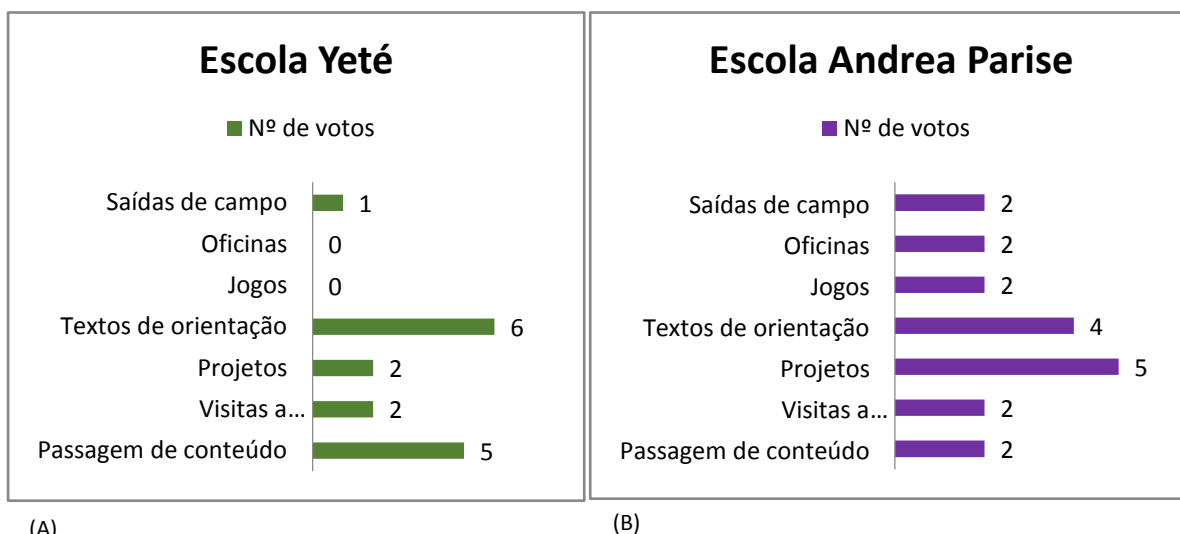
Chaves e Gaia (2014) expressam que na Lei 9.795/99 cita o fato de que o professor deve receber uma formação complementar para trabalhar as questões pertinentes à EA. Porém, em conformidade com as autoras, o que realmente acontece é que não é oferecida a formação da parte do governo para todos os professores. Contribui ainda o fato de a direção escolar, muitas vezes, não se mostra aberta a projetos novos, o professor não está motivado e nem tem todas as habilidades para executar o projeto sozinho. O aluno, por sua vez, não está acostumado com algo novo e, muitas vezes, não aceita as metodologias diferenciadas propostas em muitas atividades (CHAVES; GAIA, 2014).

Na questão “Você trabalha EA nas suas práticas pedagógicas?” para os docentes da escola Andrea Parise 86% responderam por “sim”, enquanto 14% responderam que “não” trabalham. Na escola Yeté, 92% dos docentes afirmaram que “sim” que trabalham EA em suas práticas, e apenas 8% optaram que “não” trabalham EA nas práticas pedagógicas.

Em um trabalho realizado por Silva (2016) com cem professores de todas as áreas de várias escolas no município de Araguatins-TO, 93% dos professores questionados afirmaram que estão sempre trabalhando o tema de EA na sala de aula, mesmo sendo que a maioria dos professores aborda as temáticas apenas uma vez por semana, alguns duas vezes ou mais. Silva (2016) destaca que cabe aos professores a tarefa de formularem, orientarem ou desenvolverem programas de educação ambiental.

As aulas são o espaço ideal de trabalho com os conhecimentos dos alunos e onde se desencadeiam experiências e vivências formadoras de consciências mais vigorosas porque são alimentadas no saber (PENTEADO, 2010).

Gráficos 3: Como você trabalha EA nas suas práticas:



Avaliando os resultados dos gráficos 3 (A) e (B), percebe-se que na escola Yeté o uso de ‘textos de orientação’ mostrou-se como sendo a forma mais utilizada pelos professores, com 38% destes optando pela mesma, seguido pela ‘passagem de conteúdo’, com 31% dos professores adotando essa forma. Predominam, portanto, sobre outros tipos de práticas. Já na escola Andrea Parise predomina os ‘projetos’, seguido pelo uso de ‘textos de orientação’.

Nos estudos de Silva (2016) revela que 48% dos professores optam pela passagem de conteúdo para abordar a EA, seguindo com 32% fazendo debates para incentivar o pensamento crítico e 28% utilizam brincadeiras para atrair os alunos para esse tema. Martins (2009) salienta que os professores devem programar atividades periódicas relacionadas com educação ambiental e não apenas esporádicas, ou como forma de informação. Dessa forma observa-se que os resultados obtidos para a escola Yeté reforçam o constatado por Silva (2016). Esse fato, no entanto, não se observa na escola Andrea Parise.

Para a seguinte questão “Você considera fácil trabalhar EA na sua disciplina, na sua escola?”. As respostas dos docentes da escola Andrea Parise somaram com 71% dizendo que ‘não é tão fácil’ trabalhar com a Educação Ambiental na sua disciplina, e apenas 29% consideram que é ‘fácil’. Para a escola Yeté, 46% dos docentes consideram ‘fácil’ trabalhar com a EA

em sua disciplina, 23% consideraram 'não sendo fácil' e 31% consideram como 'mais ou menos fácil'.

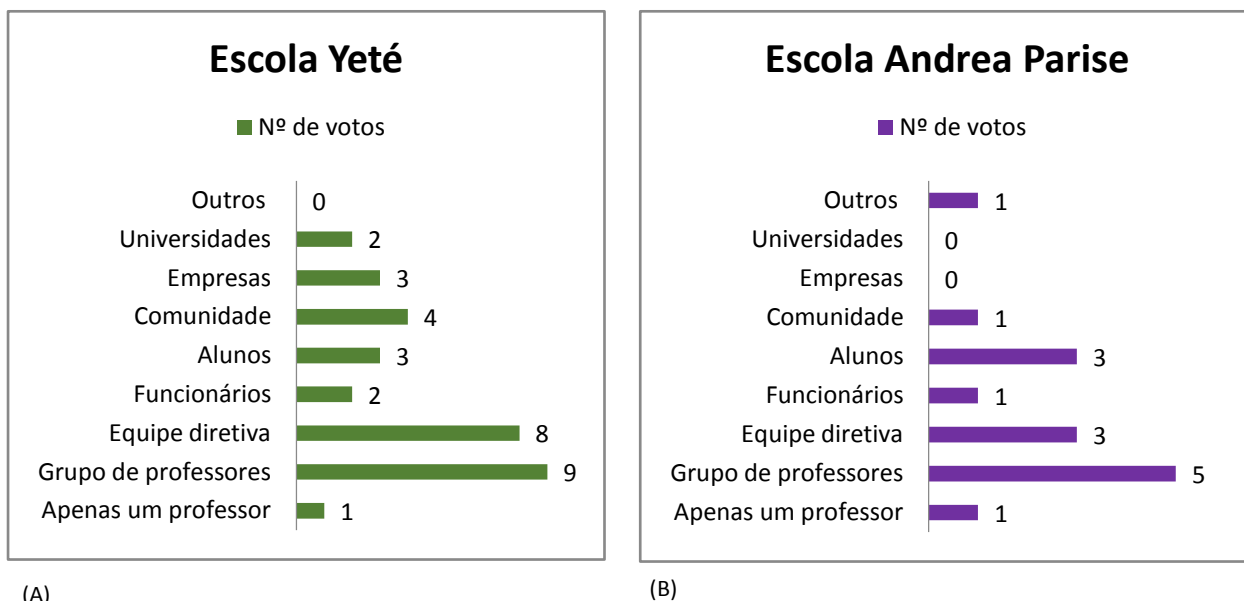
Em uma questão semelhante aplicada por Baum e Povaluk (2012) com docentes de todas as áreas em sua pesquisa, também encontraram que 60% consideram fácil trabalhar com questões ambientais em suas aulas. Também os autores relatam, em seu estudo, que a formação profissional influi e facilita o desenvolvimento do tema em sala de aula, por exemplo, na disciplina de Ciências.

No trabalho realizado por França (2014) com 18 professores, 28% afirmam ter dificuldades em trabalhar a temática de educação ambiental. Os professores desse estudo creem que o número excessivo de alunos nas turmas, a dificuldade em adequar sua disciplina de atuação ao tema, os hábitos negativos trazidos pelos alunos em relação ao tema, a cobrança de conteúdos mais específicos de sua disciplina, a falta de compromisso pela maioria da comunidade escolar e de cursos específicos, fazem com que tenham dificuldades em realizar quaisquer ações voltadas para a EA. Outros 72% dos docentes afirmam não ter dificuldades para colocar em prática o tema em sala de aula, pois, como relataram, o tema faz parte do cotidiano e da vida do aluno.

No estudo com professoras da Educação Infantil em São Carlos-SP, realizado por Martins (2009), as entrevistadas relatam a falta de formação e falta de informação dos próprios professores para se trabalhar as temáticas de EA. A autora cita Dias (1998) em que diz: “O treinamento do pessoal docente é o fator principal no desenvolvimento da EA. A aplicação de programas de EA e o próprio uso adequado dos materiais de ensino só serão possíveis se os docentes tiveram acesso a treinamento, tanto em conteúdos quanto em métodos [...]” (DIAS, 1998).

Nos gráficos a seguir, observou-se a seguinte distribuição dos resultados sobre a questão levantada sobre de quem parte a iniciativa dos trabalhos em EA.

Gráficos 4: A iniciativa da realização de trabalhos de EA parte de:

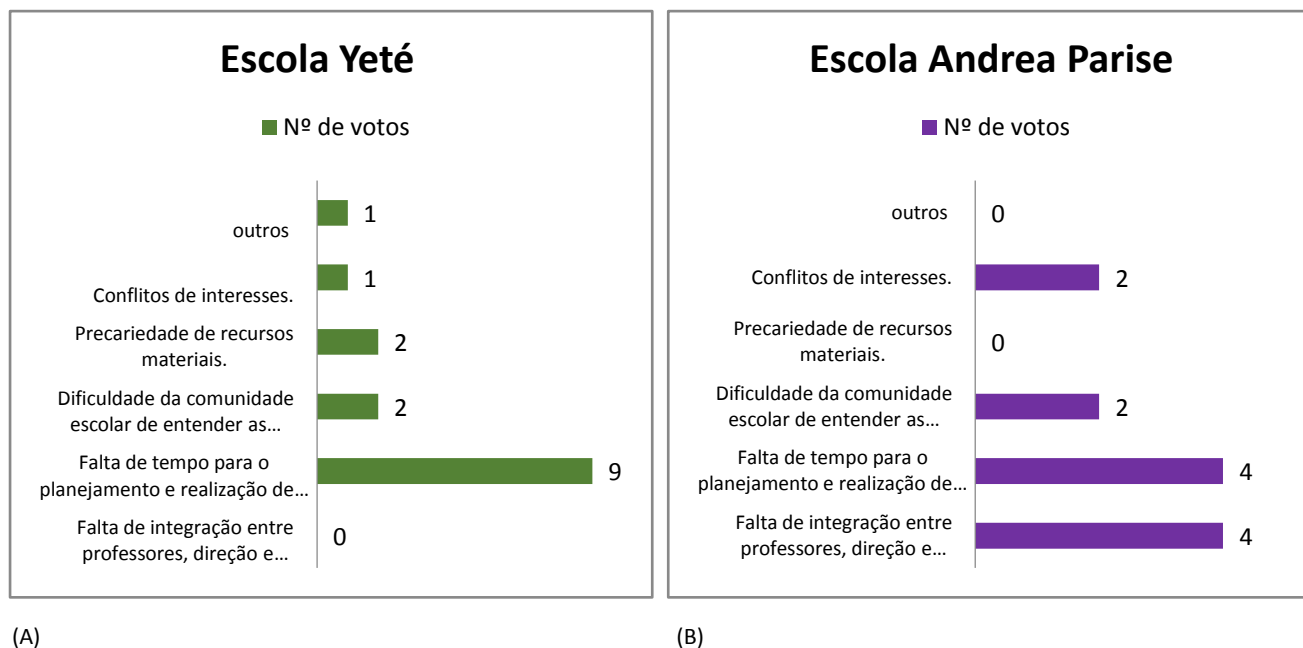


Podemos observar, pelo exposto acima, que os professores optaram por selecionar que é por eles mesmos que deve ou se dá a iniciativa dos trabalhos em EA, juntamente com a equipe diretiva.

No projeto de pesquisa realizado pelo Ministério da Educação intitulado “O que fazem as Escolas que dizem que fazem Educação Ambiental?”, iniciado em 2005, em que das 418 escolas entrevistadas, 59% declararam que a motivação inicial está relacionada à iniciativa de docentes (um ou mais professores) (BRASIL, 2007).

Ao pesquisar sobre a iniciativa da realização dos projetos em escolas municipais em Teresópolis-RJ, Lamosa e Loureiro (2011) identificaram que a maioria das escolas (85%) assinalou que o grupo de professores é responsável por tal movimento. Outro aspecto que perceberam na pesquisa que realizaram foi a participação das empresas nos projetos de EA nas escolas. A iniciativa da realização desses projetos é das empresas em quase a metade (46%) das escolas entrevistadas.

Gráficos 5: Quais as principais dificuldades enfrentadas no desenvolvimento da EA na sua escola?



Pela análise das respostas dos docentes sobre as dificuldades enfrentadas no desenvolver da EA, o que mais interfere, segundo os docentes da escola Yeté, é a falta de tempo para o planejamento e a realização das atividades. Também para os professores da escola Andrea Parise, seguido da falta de integração entre os próprios professores, equipe diretiva e funcionários.

Na pesquisa realizada com 25 escolas do município de Teresópolis (RJ) por Lamosa e Loureiro (2011) em relação às dificuldades enfrentadas para a inclusão da EA nas escolas, cerca de 50% dos professores apontaram a precariedade de recursos materiais e humanos, bem como a falta de previsão de tempo para planejamento e realização de atividades extracurriculares como os principais problemas enfrentados.

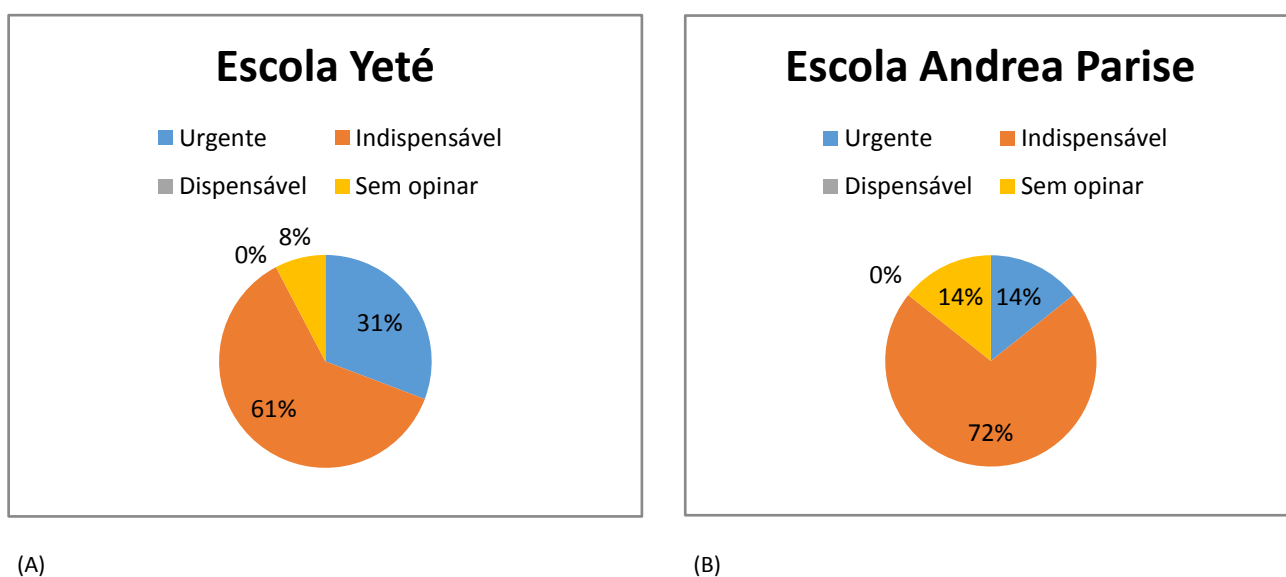
Effting (2007) constata que implementar a Educação Ambiental nas escolas tem se mostrado uma tarefa exaustiva, e as dificuldades se apresentam nas atividades de sensibilização e formação, na implantação de atividades e projetos e, principalmente, na manutenção e continuidade dos já existentes.

Na questão seguinte do questionário, a qual: “Os projetos/trabalhos de EA são trabalhados somente dentro da escola?”, os docentes da escola Andrea

Parise responderam 57% “sim” e 43% “não”. Enquanto os docentes da escola Yeté com 77% “não”, 8% “sim” e 15% “não opinaram”. A não manifestação de muitos professores pode remeter para o fato de que esses docentes não estão presentes na maior parte de dias na escola, e por não saberem como ocorrem outros projetos.

Ao questionar os docentes sobre as oportunidades oferecidas pelo estado para aperfeiçoamento do professor em EA, os entrevistados da escola Yeté 54% assinalaram a opção “sim” e 46% assinalaram que “o estado não oferece oportunidades”. Na escola Andrea Parise, 57% dos professores, a maioria, portanto, responderam “sim” e 43% “não”.

Gráficos 6: Qual a necessidade de cursos de capacitação/atualização para professores em EA?



Quanto ao entendimento sobre a necessidade de cursos de capacitação/atualização, como podemos observar nos gráficos acima, 61% dos professores da escola Yeté consideram que os cursos de capacitação são indispensáveis. Na escola Andrea Parise a maioria manifestou-se também da mesma forma, considerando como indispensável a realização dos cursos de capacitação, opinião dada por 73% dos professores. Baum e Povaluk (2012) em uma pesquisa realizada com professores do ensino básico constaram que a totalidade da sua amostragem considerou “indispensável” que haja programas

de aperfeiçoamento na área. Percebe-se dessa forma a percepção predominante, entre os professores, quanto a necessidade de capacitação para o desenvolvimento das atividades de EA.

## **6. CONCLUSÃO**

A presente pesquisa permitiu constatar os diferentes pontos de vista que os professores das referidas escolas, possuem a respeito da Educação Ambiental. Percebe-se que, apesar da importância da Educação Ambiental no ensino, ainda não são todos os professores que têm conhecimento do assunto.

O desconhecimento de uma grande parcela da classe docente reflete a necessidade premente de investimentos na formação inicial e continuada dos mesmos. Assim será possível o emprego eficiente das propostas contidas na PNEA e nos PCN's tanto dentro da escola e fora dela. Esses investimentos poderão contribuir para uma mudança de quadro a respeito da motivação para se trabalhar com a EA na escola.

A pesquisa apontou, também, que a predominância de práticas ou estratégias pedagógicas usadas pelos professores das referidas escolas, ainda se baseia, principalmente, no uso de 'textos de orientação'. A prática da 'passagem de conteúdo' também mostra-se relevante na escola. Chama a atenção na presente pesquisa, no entanto, que a prática de 'projetos' na escola Andrea Parise predomina sobre as outras, sendo algo diferencial, fugindo das práticas mais usuais.

Esse trabalho proporcionou perceber, também, que ainda existem dificuldades e desafios quanto à inserção efetiva da Educação Ambiental na escola.

O recomendado para situações análogas é que a equipe diretiva e demais professores se unam, organizando um pequeno grupo gestor com o propósito de coordenar as ações plurais, que partam do princípio que a Educação Ambiental é uma ação conjunta, que deve englobar todo o grupo escolar. Um efetivo planejamento sobre a forma de trabalho e inserção da EA nas distintas disciplinas permitirá o desenvolvimento de atividades complementares entre si, ampliando o entendimento tanto dos docentes quanto



dos alunos sobre as questões ambientais. Tem-se a possibilidade, dessa forma, de maior sensibilização dos alunos e o desenvolvimento da criticidade dos mesmos, gerando novos conceitos e valores sobre o meio ambiente. As práticas a serem utilizadas, no entanto, devem ser mescladas, oportunizando ao aluno tanto o conhecimento históricos dos problemas ambientais por meio de 'passagem de conteúdo, as definições conceituais (meio ambiente, desenvolvimento sustentável, equilíbrio, recursos naturais – renováveis e não renováveis)', assim como a realização de 'projetos', trazendo o conhecimento e aplicação práticas dos conceitos estudados.

A Educação Ambiental deve ser entendida por todo o corpo docente como sendo um processo permanente, presente na educação de forma articulada, em todos os níveis e modalidades de ensino, e que envolva todo o grupo de professores, alunos e funcionários diariamente. Esse entendimento, aliado à efetiva planificação da inserção da EA nas diversas disciplinas escolares e à continuada formação e estimulação dos professores para tratarem do tema, viabilizará o êxito das ações da EA, que visam, sobretudo, a formação de visão crítica e reflexiva, capazes de influir decididamente na tomada de consciência ecológica/ambiental por parte dos alunos.

## REFERÊNCIAS

ALVES, D. PERALVA, L. M. **Olhar perceptivo**: atividades de sensopercepção em ações de educação ambiental: caderno de roteiros. Brasília: Ibama, 2010. 113 p.

AMARAL, W. A educação ambiental e a consciência da solidariedade ambiental. **Revista Internacional de Direito e Cidadania**, n.2, p. 207 -216, out 2008. Disponível em:<<http://egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/33272-42366-1-PB.pdf>>. Acesso em: 08 out. 2017.

AUGUSTO, T. G. S.; CALDEIRA, A. M. A.; CALUZZI, J. J.; NARDI, R. Interdisciplinaridade: Concepções de professores da área Ciências da Natureza em formação em serviço. **Ciência & Educação**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 277-289, 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-73132004000200009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132004000200009)>. Acesso em: 27 set. 2017.

BAUM, M.; POVALUK M.; A educação ambiental nas escolas públicas municipais de Rio Negrinho, SC. **Saúde Meio Ambiente**. v. 1, n. 1, jun. 2012. Disponível em:<<http://www.periodicos.unc.br/index.php/sma/article/view/221/264>>. Acesso em: 4 de out. 2017.

BRANCO, A. F. V. C.; LINARD Z. U. S. A; SOUSA, A. C. B. Educação para o desenvolvimento sustentável e Educação Ambiental. **Revista Educação Ambiental Em Ação**, n. 37. Ano X, 2011. Disponível em:<<http://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=1069>>. Acesso em: 7 abr. 2017.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Meio Ambiente - Saúde / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília. 1997.

\_\_\_\_\_. Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 28 abr. 1999.

\_\_\_\_\_. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Educação na diversidade**: o que fazem as escolas que dizem que fazem educação ambiental? Brasília: MEC/SECAD, 2007.

BONZANINI, T. K.; BASTOS, F. Formação continuada de professores de ciências: algumas reflexões. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Educação

em Ciências, 7., 2009, Florianópolis. **Anais...** Belo Horizonte: ABRAPEC, 2009. Disponível em: <<http://posgrad.fae.ufmg.br/posgrad/viiienpec/pdfs/644.pdf>>. Acesso em: 3 de maio 2017.

CARVALHO, I. C. M. **Educação ambiental**: a formação do sujeito ecológico. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2006.

CHAVES, R. A. GAIA, M. C. M. O papel da escola na construção da Educação Ambiental: ações e reflexões. **Revista SBEnBio** n°7, 2014. Disponível em: <<http://www.sbenbio.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2014/11/R0691-1.pdf>>. Acesso em: 12 abril 2017.

CONFERÊNCIA DE TIBLISI. Geórgia, 1977. Disponível em: <[http://www.vdl.ufc.br/solar/aula\\_link/solar\\_presencial/SECADI-educ%C3%A7%C3%A3o\\_ambiental/m%C3%B3dulo\\_02/aula\\_03-0247/imagens/01/recomendacoes\\_conferencia\\_tbilisi.pdf](http://www.vdl.ufc.br/solar/aula_link/solar_presencial/SECADI-educ%C3%A7%C3%A3o_ambiental/m%C3%B3dulo_02/aula_03-0247/imagens/01/recomendacoes_conferencia_tbilisi.pdf)>. Acesso em: 14 maio 2017.

CUBA, M. A. **Educação Ambiental nas Escolas**. ECCOM. v.1, n. 2, p 23-31, 2010. Disponível em: <<http://publicacoes.fatea.br/index.php/eccom/article/view/403>>. Acesso em: 2 set. 2017.

DIAS, G. F. Educação ambiental: princípios e práticas. São Paulo: Gaia, 1998. In: MARTINS, N. **A Educação Ambiental na Educação Infantil**. 2009. 50 p. TCC (Curso de Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009.

DIAS, G. F. **Educação Ambiental**: princípios e práticas. São Paulo: Gaia, 2003.

DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J. A.; PERNAMBUCO, M. **Ensino de Ciências: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2007. 364 p.

EFFTING, T. R. **Educação ambiental nas escolas públicas**: Realidade e desafio. 2007. 99 p. Monografia (Especialização em Planejamento para o Desenvolvimento Sustentável) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus Marechal Cândido Rondon, 2007.

FERREIRA, C. F. B. **Formação de Professores**: Concepções e práticas pedagógicas de educação ambiental. 2010. 105 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, Nilópolis 2010.

FERNANDES, M. O. S.; COSTA, V. M. F. Conscientização ambiental na escola municipal de educação infantil Gente Miúda (o ambiente escolar como um caminho para transformações) na cidade de mata, RS. **Revista Remoa**. vol.4, n°4, p. 707-717, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/remoa/article/viewFile/3366/2328>>. Acesso em: 17 set. 2017.

FRANÇA, G. L. **Educação Ambiental na visão dos professores de uma escola pública do Distrito Federal**. 2014. 33 p. Monografia (Especialização em Gestão Escolar) - Universidade de Brasília. Brasília, 2014.

FONSECA, I. da. Educação ambiental: uma proposta para a sustentabilidade e consumo consciente. In: Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE. **Cadernos PDE**, v.2, 15 p. Paraná, 2013.

Disponível

em:<[http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/prod\\_ucoes\\_pde/2013/2013\\_uel\\_cien\\_pdp\\_ironice\\_da\\_fonseca\\_mazeto.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/prod_ucoes_pde/2013/2013_uel_cien_pdp_ironice_da_fonseca_mazeto.pdf)>.

Acesso em: 22 out. 2017.

JACOBI, P. R.; LUZZI, D. **Educação e meio ambiente**: um diálogo em ação. 2004. 14 p. Disponível em:

<<http://www.anped.org.br/sites/default/files/t2211.pdf>>. Acesso em: 17 ago. 2017.

JACOBI, P. R. **Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade**. Caderno de Pesquisa, n. 118, p189-206, 2003. Disponível

em:<<http://www.scielo.br/pdf/cp/n118/16834.pdf>>. Acesso em: 27 mai. 2017.

JACOBI, P. R. Educação Ambiental: o desafio da construção de um pensamento crítico, complexo e reflexivo. **Educação e Pesquisa**. vol.31 no.2 São Paulo, 2005. Disponível em:<<http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022005000200007>>.

Acesso em: 12 jul. 2017.

KIEFER, M. I. de M. **A Educação Ambiental na percepção de professores de educação infantil em Cachoeira do Sul-RS**. 2013. 33 p. Monografia (Especialização) –Universidade Federal de Santa Maria, RS, 2013. Disponível

em:<[http://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/633/Kiefer\\_Maria\\_Ines\\_de\\_Moura.pdf?sequence=1](http://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/633/Kiefer_Maria_Ines_de_Moura.pdf?sequence=1)>. Acesso em: 3 set. 2017.

LAMOSA, R. A. C.; LOUREIRO, C. F. B. A educação ambiental e as políticas educacionais: um estudo nas escolas públicas de Teresópolis (RJ). **Educação e Pesquisa**, vol. 37 n 2. p. 279-292, São Paulo, 2011. Disponível

em:<<https://www.revistas.usp.br/ep/article/viewFile/28284/30131>>. Acesso em: 7 out. 2017.

LISBOA, C. P.; KINDEL, E.A.I. (org). **Educação Ambiental**: da teoria à prática. 144 p. Porto Alegre: Mediação, 2012.

LOUREIRO, C. F. B. 2002. In: SILVA, Clorildes Lessa da ; ARAUJO, Daniel . **Educação Ambiental**: competências para o atuar docente.. Porto Alegre: SENAC, 2008. v. 1. 216p.

MACHADO, A. S. et al. Educação Ambiental de 6º A 9º ano: um estudo na Escola Estadual Beira Rio do Distrito de Luzimangues Porto Nacional - TO. **Anais...**In: I Jornada de Iniciação Científica e Jornada de Extensão da Faculdade Católica do Tocantins Palmas, TO, 2011. Disponível

em:<[http://www.catolica-to.edu.br/portal/portal/downloads/docs/ANAIS\\_I\\_Jornada\\_Iniciacao\\_Cientifica\\_e\\_Extensao\\_FACTO\\_2011.pdf](http://www.catolica-to.edu.br/portal/portal/downloads/docs/ANAIS_I_Jornada_Iniciacao_Cientifica_e_Extensao_FACTO_2011.pdf)>. Acesso em: 26 out. 2017.

MANZOCHI, L. H.; CARVALHO, L. M. Educação Ambiental Formadora de Cidadania em perspectiva emancipatória: constituição de uma proposta para a formação continuada de professores. **Pesquisa em Educação Ambiental** (UFSCar), v. 3, p. 103-124, 2008.

MARTINS, N. **A Educação Ambiental na Educação Infantil**. 2009. 50 p. TCC (Curso de Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009. Disponível em:<<http://www.pedagogia.ufscar.br/documentos/arquivos/trabalhos-de-conclusao-de-curso/tcc-2004/a-educacao-ambiental-na-educacao-infantil>>. Acesso em: 4 out. 2017.

MEDEIROS, A. B. et al. A importância da educação ambiental na escola nas séries iniciais. **Revista Faculdade Montes Belos**. 17 p. v. 4, n. 1, set. 2011. Disponível em:<<http://www.terrabrasil.org.br/ecotecadigital/pdf/a-importancia-da-educacao-ambiental-na-escola-nas-series-iniciais.pdf>>. Acesso em: 23 mar. 2017.

MEDINA, N. M. A formação dos professores em educação ambiental. In: **Panorama da educação ambiental no ensino fundamental** / Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC, 2001. p.17-24. Disponível em:<<http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/educacaoambiental/panorama.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2016.

MENEZES, L. C. (Org.) Formação continuada de professores de ciências no contexto ibero-americano. In: BONZANINI, T. K.; BASTOS, F. Formação continuada de professores de Ciências: algumas reflexões, Belo Horizonte, ABRAPEC: 2009.

MOREIRA, P. A. A.M; SILVA; LUZ, M. P. **Educação ambiental na escola: A realidade do setor público e privado – estudo de caso**, 31 p. Goiânia, 2009. Disponível em:<<http://www.pucgoias.edu.br/ucg/prope/cpgss/ArquivosUpload/36/file/EDUCA%C3%87%C3%83O%20AMBIENTAL%20NA%20ESCOLA%20-%20A%20REALIDADE%20DO%20SETOR%20P%C3%9ABLICO%20E%20PRIVADO%20-%20ESTUDO%20DE%20CASO.pdf>>. Acesso em: 27 out. 2017.

PÁDUA, S. M; TABANEZ, M. F.(orgs.). **Educação Ambiental: Caminhos trilhados no Brasil**. Brasília: FNMA/IPE, 1997.

PENTEADO, H. D. **Meio ambiente e formação de professores**. 128 p. SP: Cortez, 2010.

REIS, V. R.; SOUZA, G. S. DIAS, V. B. Educação Ambiental no ensino formal: atuação do (a) professor (a) nas escolas municipais de Cruz Das Almas – BA. **Pesquisa em Educação Ambiental**, vol. 11, n. 1, p. 52-65. 2016. Disponível

em:<<https://www.revistas.usp.br/pea/article/viewFile/128720/125456>>. Acesso em: 27 nov. 2017.

SANTOS, J. P.; OLIVEIRA, G. F. Concepções e práticas de educação ambiental: o que pensam alguns docentes do ensino fundamental. In: VIII ENPEC – Encontro de Pesquisa em Educação em Ciências e I CIEC – Congresso Iberoamericano de Investigación en Enseñanza de las Ciencias, 2011, Campinas, SP. **Anais...** Campinas/SP: Universidade Estadual de Campinas, 2011. Disponível

em:<<http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/viiienpec/resumos/R0540-2.pdf>>. Acesso em: 21 de out. 2017.

SAUVÉ, L. Educação Ambiental: possibilidades e limitações. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 317-322, maio/ago.2005. Disponível em:<<https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/27979/29759>>. Acesso em: 23 jun. 2017.

SILVA, T. L. A. A prática pedagógica do ensino de educação ambiental nas escolas públicas urbanas de Araguatins (TO). **Revbea**, São Paulo, V. 11, nº 4: 149-161, 2016. Disponível em:<<http://www.sbecotur.org.br/revbea/index.php/revbea/article/viewFile/4719/3188>>. Acesso em: 28 set. 2017.

SILVA, W. C. MARTINS, P. C. S. BARBOSA, I. C. Temas transversais, oficinas pedagógicas e aprendizagem significativa: uma discussão acerca do ensino de ciências na Amazônia. **Revista Amazônica de Ensino de Ciências**. Manaus v.8. n.15, p.89-99. 2015.

OLIVEIRA, K. J. M.; MEDEIROS, D. H. de. Educação ambiental: abordagens teórico-metodológicas. Encontro de Produção Científica e Tecnológica. **Anais**. Campo Mourão: FECILCAM/NUPEM, 2010. Disponível em:<[http://www.fecilcam.br/nupem/anais\\_v\\_epct/PDF/ciencias\\_humanas/13\\_O\\_LIVEIRA\\_MEDEIROS.pdf](http://www.fecilcam.br/nupem/anais_v_epct/PDF/ciencias_humanas/13_O_LIVEIRA_MEDEIROS.pdf)>. Acesso em: 12 out. 2017.

TEIXEIRA, C.; TORALES, M. A. A questão ambiental e a formação de professores. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, Edição Especial n. 3/2014, p. 127-144. Editora UFPR. Disponível em:<<http://revistas.ufpr.br/educar/article/viewFile/38111/23612>>. Acesso em: 9 set. 2017.

TORALES, M. A. **A inserção da educação ambiental nos currículos escolares e o papel dos professores**: da ação escolar à ação educativo-comunitária como compromisso político-pedagógico. Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, FURG, Rio Grande/RS, v. especial, p. 1-17, mar. 2013. Disponível em:<<https://www.seer.furg.br/remea/article/view/3437>>. Acesso em: 7 out 2017.

VALDUGA, M.; DAL-FARRA, R. A. Formação docente continuada e Educação Ambiental: construindo práticas compartilhadas. In: VIII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, I CIEC – Congresolberoamericano de

Investigación em Enseñanza de lãs Ciências, 2011. **Anais...**Campinas/SP: Universidade Estadual de Campinas, 2011. Disponível em:<<http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/viiienpec/resumos/R0868-3.pdf>>. Acesso em: 29 de out. 2017.

VIEGAS, I. B. **Consumo consciente**: a importância do consumo consciente e sustentável para o meio ambiente. Monografia de Especialização em Gestão Ambiental. 44 p. Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 2010.

## APÉNDICE



## **Apêndice 1**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS RURAIS  
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

Esta é uma pesquisa sobre Educação Ambiental aplicada nas escolas.  
Este questionário não será exposto ou divulgado abertamente. Sua identidade será mantida sobre sigilo.

Professor (a) da disciplina de:.....

Faixa etária:.....

Formação: ( ) Magistério ( ) Superior ( ) Especialização ( ) Mestrado ( ) Doutorado

Atuação/anos de magistério:.....

**Questionário**

1- Você já ouviu falar em Educação Ambiental?

(  ) sim      (  ) não

Livros ( ) específicos ( ) escolar

Internet

Cursos, seminários

\_\_\_\_\_

2- O que você entende por Educação Ambiental (EA)?

.....  
.....  
.....  
.....

3- Você tem conhecimento sobre as leis que incluem a EA no sistema de ensino?

(  ) Sim, já li, conheço bem.

(  ) Sim, mas não li sobre.

(  ) Não, mas já ouvi comentários a respeito.

(  ) Não, não conheço nada a respeito.

4- Qual seria sua motivação para trabalhar com a EA na sua escola?

( ) baixa ( ) média ( ) alta

5- Você trabalha EA na suaspraticas pedagógicas?

( ) sim ( ) não

Como você trabalha?

Passagem de conteúdo

Visitas a parques, museus, jardim botânico, etc

Projetos

Textos de orientação

Jogos

Oficinas

Saídas a campo

Outros.....  
.....

6- Você considera fáciltrabalhar EA na sua disciplina, na sua escola?

.....  
.....  
.....  
.....

7- A iniciativa da realização de trabalhos de EA da escola parte de:

Apenas um professor

Grupos de professores

Equipe da direção (diretor e coordenador pedagógico)

Funcionários

Alunos

ONG

Comunidade

Empresas

Universidades

Outros: \_\_\_\_\_

8- Quais as principais dificuldades enfrentadas no desenvolvimento da Educação Ambiental na sua escola?

- Falta de integração entre professores e direção
- Falta de tempo para o planejamento e realização de atividades (extracurriculares)
- Dificuldade da comunidade escolar de entender as questões socioambientais.
- Falta de integração entre os professores, direção e funcionários.
- Precariedade de recursos materiais.
- Conflito de interesses.
- Outros. \_\_\_\_\_

9- Os projetos/trabalhos são trabalhados somente dentro da escola?

- ( ) Sim                      ( ) não

10- São oferecidas, pelo Estado, oportunidades para aperfeiçoamento do professor em Educação Ambiental?

- ( ) sim      ( ) não

11- Qual a necessidade de cursos de capacitação/atualização para professores em Educação Ambiental?

- ( ) urgente      ( ) indispensável      ( ) dispensável

## **ANEXOS**



## MODELO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

Eu Arno Roque Reginatto, abaixo assinado, DIRETOR responsável pela ESCOLA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO BÁSICA YETÉ autorizo a realização do estudo vinculado ao projeto **“A Educação Ambiental no cotidiano das escolas: Escola Estadual De Ensino Fundamental Andrea Parise e Escola Estadual de Educação Básica Yeté no Município De Tuparendi-RS”**, a ser conduzido pelos pesquisadores Maiara Dall Aqua e Ana Maria Thielen Merck.

Fui informado, pelo responsável do estudo, sobre as características e objetivos da pesquisa, bem como das atividades que serão realizadas na instituição a qual represento.

Esta instituição está ciente de suas responsabilidades como instituição co-participante do presente projeto de pesquisa e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infra-estrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

Tuparendi, 07 de dezembro de 2016 .

---

ARNO ROQUE REGINATTO

Arno Roque Reginatto  
Diretor  
Identificação 1221787/01

**AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL**

Eu Marine Chitolina, abaixo assinado, responsável pela Escola Estadual De Ensino Fundamental Andrea Parise, autorizo a realização do estudo: **A Educação Ambiental no cotidiano das escolas: Escola Estadual De Ensino Fundamental Andrea Parise e Escola Estadual de Educação Básica Yeté no Município De Tuparendi-RS**, a ser conduzido pelos pesquisadores Maiara Dall Aqua e Ana Maria Thielen Merck.

Fui informado, pelo responsável do estudo, sobre as características e objetivos da pesquisa, bem como das atividades que serão realizadas na instituição a qual represento.

Esta instituição está ciente de suas responsabilidades como instituição co-participante do presente projeto de pesquisa e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infra-estrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

Tuparendi, 20 de dezembro de 2016 .



Marine Chitolina

Marine L. Lacerda Chitolina  
Diretora  
ID. FUNC. 2538482/03

Estado do Rio Grande do Sul  
Secretaria de Estado da Educação  
17ª C.R.E. - Santa Rosa  
ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO  
FUNDAMENTAL ANDREA PARISE  
Port. Desig. 00343 de 29/12/2000  
D.O. 02/01/01  
Cinqüentenário - Tuparendi - RS